

# A arte de trabalhar

P. J.

*Um dos fascículos da REVUE DES COURS ET CONFÉRENCES a excelente revista quinzenal da livraria Boivin, de Paris, que, sob a direção do sr. F. Strowski, publica as conferências e os cursos sôbre literatura, historia, filosofia, etc., realizados em universidades e liceus franceses e estrangeiros — traz uma conferência do sr. Pierre de Labriolle, realizada na Sorbonne, sôbre a arte de trabalhar.*

*Nas universidades onde se ensina tanta coisa, começa o Autor, não se ensina a arte de trabalhar. Cada qual se arranja como pôde, e, através de muitas incertezas, se cria um arremedo de método. Ora, quando os moços, libertos da vida escolar, abordam os estudos superiores, se não souberem trabalhar, arriscam-se ao perigo de desperdiçar os seus esforços e de contraír hábitos de espírito que os prejudicarão durante a sua carreira.*

*E' contra esse perigo que o Autor quer preveni-los. Trabalhar é uma arte. Saber trabalhar, não é ficar dias inteiros inclinados sôbre livros. Ao contrário, é obter pleno rendimento durante um tempo bastante curto. E' economisar o seu labor e ter assim possibilidades de muito mais ricos lazeres mais frequentes do que absorvendo-se numa tarefa mal compreendida, mal executada que não deixa após si senão fadiga e aborrecimento.*

*Ha cem maneiras de perder o seu tempo por ociosidade. Mas ha outras, mais subtis e mais perigosas, de o perder trabalhando ou querendo trabalhar. Ha, em primeiro lugar, o que o Autor chama de "flanação estudiosa". Muitos pensam trabalhar porque ficam certo número de horas sentados diante da sua mesa, com um livro sob os olhos, livro que abriram com a firme intenção de o estudar cuidadosamente. De fato, lêem uma página, duas,*

tres, atentamente, mas pouco a pouco o espírito desvia-se-lhes para o país dos sonhos. Quando torna às páginas do livro, só se recorda de fragmentos sem coesão. E assim se gasta uma hora, duas ou mais, acreditando-se trabalhar, ou não trabalhando nada. O remédio para essa praga do pensamento é o seguinte: tôda vez que lêdes um artigo ou um livro, para tirar dele algum proveito, lêde-o com a pena na mão, tomai notas. Sem a escrita, o pensamento foge incessantemente, e é preciso um penoso esforço para chama-lo ao seu objetivo. A escrita é um auxiliar necessário, sem o qual uma leitura séria se torna quasi sempre esteril.

Outro modo de leitura, menos perigoso que o anterior, mas nocivo mesmo assim à cultura sólida, é a leitura puramente passiva. Ha pessoas para quem lêr constitue um verdadeiro prazer, e a êle se entregam com satisfação. Quando têm em mãos um livro, absorvem-se nele, e com dificuldade a gente as arranca à leitura. Mas, terminada esta, pergunte-se ao leitor o que pensa do livro, que tése, que idéias nele se sustentam, e ver-se-á que é incapaz de responder. Deixou-se ir com as suas impressões de detalhe, sem domina-las, sem recolhe-las. O seu espírito dormitava, enquanto o supunha bem desperto. Contra isso, é preciso reagir, impondo-se uma lei — a de ter sempre alerta a inteligência em todas as operações que executam. Ha outra maneira de trabalhar preguiçosamente: nenhuma é mais perniciosa, porque, por uma fantasmagoria singular, ela dá a ilusão de um labor verdadeiro. Esse perigo é a dispersão. A gente se despera lendo muito e a êsse respeito Seneca tem uma carta interessante, escrita a Lucilius. Seneca não quer que a leitura seja uma corrida rápida através das obras, porque sabe que as faculdades dos que lêem muito — sem ter previamente adquirido uma cultura vigorosa — vão quasi sempre se enfraquecendo. As pessoas que comem de mais, dizem os médicos, envenenam o seu organismo. Ha tambem casos de intoxicação por excesso de alimentação espiritual.

A gente dispersa tambem deixando-se distrair do seu trabalho, ora procurando outros livros, ora recorrendo a outras leituras que suspendem inteiramente o seu pensamento.

E' evidente que com tal dispersão de esforços nenhuma impressão tem tempo de se fixar. O que perde a inteligência, o

que a fadiga — e a desanima, é a multiplicidade das occupaões, nenhuma das quais traz a alegria repousante das tarefas acabadas.

De todas as suas observaões, o Autor tira um duplo preceito. Do ponto de vista do método geral no trabalho, aconselha, em primeiro logar, a não se fazer senão uma coisa de uma vez. Se contamos trabalhar durante duas horas, estas sejam consagradas a uma tarefa unica. Depois, o que fizermos, façamos de modo completo e integral. As coisas começadas e não acabadas é que fazem perder mais tempo.

Conclue o Autor com alguns conselhos, tais como: 1.º — Adquira-se o hábito de preparar de vespera à noite, sumariamente, a tarefa do dia seguinte; 2.º — Tenha-se uma atividade tranquila, poupando as fôrças, economisando o vigor nervoso: um esfôrço moderado, bem curto, mas de impecável regularidade, eis tudo; 3.º — Facilite-se a tarefa, por meio de notas que poupem trabalho posterior; 4.º — Tenha-se ordem nos livros e nas notas, servindo-se de cadernos ou de fichas. E ácerca da redaçã dessas notas, conclue o Autor dando conselhos muito aproveitáveis aos estudiosos.